



O racismo de cada dia

Durante muitos anos, o Brasil tentou varrer o racismo para debaixo do tapete. A falsa imagem de nação pacífica, de convivência harmônica entre raças era praticamente uma política de Estado, com conivência e silêncio de governos, partidos e sociedade civil. Até que os oprimidos resolveram reclamar e casos escabrosos vieram à tona.

Abdias Nascimento foi um dos pioneiros nesse reposicionamento, e seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*, de 1977, desafiou o regime militar — que não gostava desses assuntos, assim como os civis — e expôs a covardia nacional.

Hoje é dia da Consciência Negra, uma data que tem apenas 11 anos de vida e que lembra a morte de Zumbi dos Palmares, vítima dos bandeirantes de Domingos Jorge Velho. Até então, negros eram lembrados apenas em 13 de maio, data em que os brancos decidiram alforriá-los, largando-os à própria sorte, sem qualquer tipo de ajuda — nem mesmo uma mula e um acre de terra, como aconteceu nos Estados Unidos.

A construção da ilusão de uma sociedade miscigenada e harmônica vem de longe e foi alimentada pela literatura, em que o negro aparece forjado por estereótipos, o que foi reverberado pela música popular até se aninhar no chamado seio da sociedade. Das mulatas erotizadas, de Jorge Amado, à posição subserviente de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato, e Pedro, da peça *O Demônio Familiar*, de José de Alencar, os papéis são marginais.

Enquanto isso, as histórias reais vividas pelos negros brasileiros são escondidas. Histórias como a de Fernando Lopes, que fez muito sucesso como cantor da Rádio Nacional na Brasília dos anos 1960, mas que, quando se apresentava no glamoroso Hotel Nacional, tinha que usar a porta de serviço. Até que um dia chegou como representante do então secretário de Turismo, Carlos Black, num carro preto com placa de bronze, e entrou pela porta principal, com direito a pisar no tapete vermelho da entrada.

Ou de Tiãozinho Rodrigues, guitarrista e empresário musical, que teve que vender um automóvel Mercedes-Benz zero quilômetro, porque era parado em todas as blitz, constrangido pelas autoridades de trânsito, talvez duvidando que um



homem negro pudesse ter um carrão daqueles.

São histórias de gente comum que precisam ser contadas para que a sociedade brasileira assuma que o racismo é real e, assim, se comece a discutir formas de combater o preconceito.

Voltando à literatura, a Universidade de Brasília (UnB) fez um estudo com 258 livros publicados entre 1990 e 2004, revelando que 94% dos autores eram brancos. Pior: que em 56,6% das obras não há nenhuma personagem que não seja branca.

É preciso inverter a mecânica e iluminar livros como *Bala em Prosa*, em que negros contam his-

tórias do terror cotidiano em que vivem, inspirados pela morte de um músico e de um catador de papéis no Rio de Janeiro, com 257 balas disparadas por militares — o livro pode ser obtido gratuitamente no site da editora Elefante. Ou o ótimo *O Averso da Pele*, de Jefferson Tenório, que narra a busca de um personagem (Pedro) pelas origens da família logo depois de ver o pai ser morto por policiais.

É hora da mesma literatura que criou personagens tão estereotipados e ajudou a formar o pensamento racista fazer o oposto.